



## Entre Rousseau e Kubrick, Contadores da Bahia: Uma Experiência de Extensão Universitária

Ayêska Paulafreitas\*

A necessidade de contar, falar de si e do outro, das coisas e dos fatos, surgiu quando o homem deixou de ser aquele indivíduo nômade e solitário que Rousseau chamou de “homem natural”, e passou a viver em sociedade. Aos poucos, a linguagem grosseira de gestos, gritos e de sons onomatopaicos, suficiente para atender às demandas materiais, foi sendo elaborada para expressar também sentimentos; para revelar afetos. O homem torna, assim, a língua melodiosa e agradável de se ouvir. A necessidade de contar, levar notícias, preservar a História ou transmitir ensinamentos tem, portanto, origem remota. É uma necessidade ontológica que precisa estar sempre sendo satisfeita.

Seria interessante observar quantas vezes narramos fatos, casos, histórias no pequeno espaço de um dia: o sonho da noite, o aborrecimento da véspera, a lembrança de um episódio da infância, o que disseram no setor ao lado, o capítulo da telenovela, o que se passou com o filho do vizinho, as impressões sobre um acidente, os planos do amanhã. E se um fala, outro ouve. Uma história oral se dá sempre, e somente, no encontro de pelo menos duas pessoas: uma que conta, e outra que se reencontra naquele texto, recriando uma história vivida ou anteriormente narrada, de qualquer forma uma história reconhecida, mesmo se vinda de fonte não identificada. Sejam elas inventadas ou acontecidas, serão sempre renovadas. E como é difícil distinguir o fato do imaginado! As histórias acontecidas, aquelas que, segundo o contador, “realmente” ocorreram, foram presenciadas por ele ou por alguém de sua confiança. São histórias a que o contador confere uma roupa de realidade, seja por assegurar explicitamente sua veracidade e dar fé, seja pelo modo de narrá-las, fazendo crer na sua sinceridade. É claro que aos fatos é possível

### Resumo:

Partindo do conceito de “homem natural” de Rousseau, apresenta-se um panorama da arte de narrar pela via da oralidade que passa pelo narrador tradicional de Walter Benjamin e o intérprete de Paul Zumthor, para chegar ao homem artificial criado por Stanley Kubrick e realizado por Spielberg no filme *Inteligência Artificial*. Destaca-se a força da palavra proferida e os vários modos de narrar encontrados no cotidiano: bate-papo, piada, fofoca, boato, histórias de família, rap, com destaque para o compositor baiano Riachão, conhecido como cronista musical da cidade do Salvador. Em outro momento, são apresentados os resultados de uma experiência de resgate de histórias da tradição oral realizados por alunos da UEFS, junto a contadores de diversas localidades do interior baiano que comprovam a permanência de alguns elementos nessa arte, independente de época ou lugar. **Palavras-chave:** oralidade, contos populares, memória

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz – Bahia.  
E-mail: apaulafreitas@uol.com.br

acrescentar ou suprimir elementos, em benefício do efeito dramático que se pretende. Nada a reclamar. Em contação, tudo é possível.

### Contação e contações

Neste vasto terreno da contação, podemos incluir a prática cotidiana do bate-papo. É quando se apresentam novidades e se discutem fatos públicos da vida alheia ou da própria. Nesses momentos, em que se misturam biografia, história e imaginação, cada pessoa dá sua contribuição para tornar a narrativa mais interessante, engraçada ou surpreendente, conforme a intenção do narrador – e se está produzindo, informalmente, o texto da História.

Freqüentemente, grupos de pessoas se reúnem com o propósito de contar piadas. Alguém traz a primeira, um elemento da piada faz lembrar a próxima, e esta a seguinte, e assim sucessivamente, formando uma corrente de histórias encadeadas que se constrói até que algum fator externo a interrompa, jamais o esgotamento do repertório. Importa pouco se a anedota é conhecida. Se for inédita, melhor, garante-se o elemento surpresa; mas se for do conhecimento de alguém, por um acordo tácito quem a conhece discretamente aguarda o final para deixar escapar o riso. As histórias populares e os chamados “causos” divulgados através da oralidade também têm essa característica: costumam ser reprisadas, meio de garantir sua perpetuação, embora a cada vez adquiram nuances diferentes.

Algumas histórias do cotidiano constituem gêneros à parte, o boato, por exemplo. Alguém lança no ar uma dúvida: “será que...”, “teria sido...”, “disseram...”, “não posso garantir, mas...” O boato, notícia sem fundamento, corre como rastilho de pólvora, ninguém é capaz de impedi-lo, mesmo sem garantia alguma de sua veracidade. João Roberto Kelly, na música *Boato*, aposta que “só o tempo desfaz”; mas, às vezes, nem mesmo o tempo tem esse poder, porque as pessoas que se encarregaram de disseminá-lo acabaram por imprimir-lhe uma verdade. A mesma música lança a questão: afinal, “todo boato tem um fundo de verdade”.

Caminho semelhante segue outra prática comum, a fofoca – também denominada diz-que-diz-que, ou disse-me-disse – pode ser verdadei-

ra ou não, desde que contenha em si a maledicência. Há um certo gozo para quem conta, reforçando os aspectos negativos, assim como para quem ouve, por dominarem ambos um conhecimento da vida alheia que os interessados provavelmente desejariam ocultar.

Mais nobres são os objetivos das reuniões em família, quando os mais velhos narram às novas gerações episódios acontecidos no ambiente familiar. Ao compartilhar uma informação que até então estava restrita à memória de quem o testemunhou, ou ouviu contar, o membro mais novo recebe a senha para integrar aquele grupo. A sensação de pertencimento contribui para a construção da identidade dos descendentes das personagens das histórias. A dimensão afetiva desses encontros faz diluir as fronteiras entre gerações, reforça as relações e dá unidade ao grupo, chegando, inclusive, a aproximar os mortos dos vivos. Quem hoje ouve estará amanhã contando a seus descendentes. Conta-se para recuperar os fatos; conta-se para preservar a memória do grupo, para evitar que se percam das origens.

Saltando do espaço privado para o público, outro gênero da oralidade observado na contemporaneidade é o *rap*, movimento nascido nas camadas populares, que tomou as ruas de grandes metrópoles, pelo viés da música. Os *rappers* narram experiências que expressam realidades sociais. O gênero ganhou a simpatia da classe média brasileira com as criações de *Gabriel, o Pensador*, que, inspirado nas vivências de seus amigos de infância, moradores de uma favela vizinha, narra, preservando o tom de denúncia, episódios que envolvem aparelhos de estado como a polícia e a justiça em confronto com grupos marginalizados.

Bem antes de Gabriel, na Bahia, o cantor e compositor Riachão recebia o título de “cronista musical da cidade”, por seu talento para contar fatos que tiveram como cenário a cidade do Salvador e mobilizaram a população. Em 1959, uma baleia embalsamada por técnicos americanos foi exposta em cima de um caminhão, na Praça da Sé. O fato pitoresco deu origem a um samba, intitulado “Baleia da Sé”<sup>1</sup>. Em 1970, foi a vez da tartaruga. Consta que o animal, encontrado por pescadores, seria propriedade do governo americano, que pagou uma certa quantia para tê-lo de volta. Americanos à parte, hoje, ninguém mais se lembraria desses episódios, não fosse o empe-

nho do compositor em preservá-los. No samba que registra a presença da tartaruga, o próprio Riachão se apresenta como um contador de histórias, e não esconde que seus ouvintes desconfiam da veracidade dos fatos:

“Eu vou contar mais uma história  
 Bonita história de mais um bichinho  
 É que a Bahia muito carinhosa  
 Recebe tudo com todo carinho  
 Se vou contando, digo nos meus versos  
 A turma grita: ele que inventa!  
 Mas responda se não chegou agora  
 Para a Bahia, a tartaruga 70  
 No mar da Bahia chegou, chegou  
 E o pescador pescou, pescou  
 Para a Ondina levou, levou  
 E o americano pagou.”

Plena da subjetividade do narrador, que faz a leitura do fato do ponto de vista do homem comum, integrante das camadas populares, e a narra pelo viés do humor, a história vem atravessando décadas e teve, recentemente, registro fonográfico em CD. Nos seus shows, antes de cantar a música, Riachão narra o episódio que a inspirou. Assim, uma parte da narrativa, ou seja, a música cantada, permanece inalterada, enquanto a outra parte – a introdução – ganha novas cores a cada espetáculo, por ser cada show um momento único.

Ao ouvirmos Riachão, recuperamos também a memória afetiva da cidade, de um tempo em que a Praça da Sé e sua extensão, a rua Chile, formavam o coração social, político e cultural de Salvador, e ali tudo se concentrava. Bem diferente de hoje, em que as ações estão pulverizadas por diferentes espaços.

### **A palavra proferida**

A via da oralidade parece ser a maneira mais completa de comunicação, por envolver várias linguagens. Segundo Milton José de Almeida, vivemos hoje em uma sociedade oral marcada pela forte presença dos meios de comunicação de massa, em que “a relação do espectador com imagens e sons em movimento – no cinema, na televisão – é quase a mesma de pessoas se encontrando e conversando”. (ALMEIDA, 1994, p.41 e 45).

E se anteriormente à massificação do cinema e da televisão poderíamos pensar em uma

comunidade de pessoas, hoje é forçoso pensar em uma comunidade de espectadores, de consumidores de imagens e sons, pessoas que formam sua inteligibilidade do mundo, a partir das informações dos meios de comunicação de massa, e das informações que lhes vêm por imagens e sons, dessa nova oralidade.

No caso da TV aberta, por exemplo, essa “nova oralidade” não permite o diálogo, mas proporciona uma ilusão de presença que atende à necessidade de convívio e alivia a solidão de muitas pessoas – não são raros os casos de quem ligue o receptor em busca de companhia.

Não resta dúvida de que o signo oral tem mais força que o escrito, talvez por envolver não apenas sons, mas gestos, olhares, espaços de silêncio, expressões faciais, posturas corporais, cheiros, tonalidades, timbragens e volumes de voz. Na tradição e no cotidiano, são inúmeros os exemplos: no *Gênesis*, o “verbo fez-se carne”; em *As mil e uma noites*, o grito “Abre-te sésamo!”, de Ali Baba, permitiu a entrada na caverna dos tesouros. Mas possuem poderes até as pragas rogadas por inimigos, ou as advertências das “bocas de mãe”, que sempre parecem prever os acontecimentos com os filhos (“quando mãe fala, acontece!”).

No momento em que é pronunciada, a palavra ganha força mágica, e é capaz de alterar situações de fazer a passagem do profano para o sagrado. Na consagração da hóstia, durante o ritual da missa católica, uma simples bolacha de farinha e água se torna o corpo de Cristo por força da palavra proferida. É, também, oralmente que se pede permissão às divindades da natureza durante a colheita de ervas medicinais para o candomblé. A pessoa encarregada deve ter o corpo limpo e se abster de relações sexuais na noite precedente. Ela penetra, então, na mata após ter cumprimentado a divindade masculina das folhas com palavras apropriadas. Em seguida, ela deve se abster de pronunciar o nome de certas folhas, pois elas poderiam se esconder e seria impossível colhê-las. As horas de colheitas são, aliás, diferentes para cada planta, tanto que são necessários vários dias para se juntar todas elas. Cada folha deve ser cumprimentada com palavras, rituais especiais que as tornam sagradas. É pela virtude destas palavras que as folhas têm força. Se elas forem ditas, as folhas não poderão ter efeito. Se, por acaso, não for encontrada a

folha do tipo desejado, pode-se, então, substituí-la por outra mais ou menos semelhante. Ela vai assumir a mesma força que a primeira, sob a condição de que as palavras-rituais tenham sido pronunciadas. (BOMVINI, 2001, p.43)

### **A contação no futuro**

No ano de 2001, o cinema tratou do assunto num conto de fadas contemporâneo, o filme *Inteligência Artificial*, idéia original de Stanley Kubrick, concretizada, após sua morte, por Steven Spielberg. A história se passa num tempo futuro e mostra um casal que está com o filho único muito doente no hospital. O menino é acondicionado em uma cápsula e parece estar em coma. A mãe o visita regularmente e quando chega diante do filho, abre um livro de histórias na página marcada, no ponto em que parou na visita anterior, e recomeça a narração em voz alta. O filho permanece inerte, mas a mãe não desiste e, naquele gesto, demonstra a crença de que ele irá sair do coma; como se, através da narrativa, enviasse a energia de que ele irá se alimentar para reunir forças e acordar.

O marido a convence a adotar um robô, não para substituir o filho, mas para ajudá-la a superar sua ausência. Há um modelo de máquina, ponta de linha, capaz de nutrir sentimentos, inclusive amar os pais. Estamos já na segunda ou terceira década do terceiro milênio, e os robôs com características humanas são comuns, porque oferecem inúmeras vantagens: eles não comem, não usam água, podem ficar no escuro, enfim, não consomem os recursos naturais em escassez.

Quando suas esperanças enfraquecem, a mãe decide adotar um robô-menino de nome David. Para acionar seus sentimentos, ela terá que emitir uma série de palavras em uma determinada seqüência. Embora avisada de que uma vez acionados esses sentimentos, ela não poderá desligá-los, bem como de que o robô terá que ser destruído, caso ela não o queira mais. A mulher realiza o ritual – e se faz o amor incondicional do filho pela mãe. David ocupa a cama do filho ausente e, à noite, a mãe lhe conta histórias. Como o robô não precisa dormir, nem a mãe precisa conquistar o seu amor, a necessidade, que está sendo satisfeita, é a de se cumprir o mito da mãe amorosa, representado pelo ato de contar ao fi-

lho uma história, mesmo que esse filho seja apenas um simulacro.

Como um Pinóquio do terceiro milênio, David deseja ser um menino de verdade. Ele está muito além do boneco de madeira que o precedeu: seu corpo tem pele, olhos, cabelos, dentes, cílios, poros. E se torna muitíssimo próximo do ser humano por sua capacidade de ter sentimentos: ele ama sua mãe incondicionalmente e sente um misto de inveja e raiva de seu “irmão” humano, quando este retorna do hospital e retoma seu lugar na família: o lugar de filho único. Mas David percebe que não é amado como um filho quando a mãe conta histórias à noite para seu “irmão”, e fica, à parte, observando-os lado a lado, deitados na cama-casulo, metáfora visual do aconchego do útero materno. E, mais uma vez, é o ato de contar histórias que faz o elo entre mãe e filho e legitima a relação.

### **Contadores da Bahia**

Em um ensaio clássico, intitulado “O Narrador”, Walter Benjamin define duas linhagens de contadores: o lavrador sedentário que conhece as histórias e tradições de sua terra e o marinheiro mercante que narra suas aventuras de viagens. Com o advento da imprensa, se dá a expansão do romance que, diferente dessas formas de narrar, derivadas da oralidade, não se sustenta na tradição, mas nasce do “indivíduo em sua solidão”. Mais adiante, a ascensão da burguesia traz consigo o desenvolvimento de uma nova forma de comunicação: a informação, que se ocupa do que está mais próximo. Nesse percurso, as narrativas sofrem transformações. “A notícia que vinha da distância – fosse ela a distância espacial de terras estranhas ou a temporal da tradição – dispunha de uma autoridade que lhe conferia validade, mesmo nos casos onde não era submetida a controle. A informação, porém, coloca a exigência de pronta verificabilidade.” (BENJAMIN, 1980,p.61)

O autor esclarece que, se a informação é passível de ser verificada, é também impregnada de explicações. E, em benefício da arte de narrar, uma história deve ser liberada de explicações, porque só “o que não é explicado provoca espanto e reflexão”. (Id., *ibid.*, p.62).

O desenvolvimento acelerado das tecnologias, acompanhado de um barateamento dos cus-

tos dos aparelhos, a exemplo do rádio de pilha, tornou possível a presença, cada vez maior, dos meios de comunicação de massa nas residências, até mesmo nas mais humildes. As rodas em torno dos mais velhos, que se encarregavam de passar às gerações futuras as histórias que ouviram de seus antepassados, foram se fazendo em volta do rádio e da televisão. As narrativas orais que, perpetuadas na memória individual se faziam memória coletiva, foram sendo substituídas pelos folhetins eletrônicos renovados a cada dia e correm o risco de se perderem no esquecimento, quando os atuais espectadores não mais viverem. Para preservar esse acervo, muitos pesquisadores têm recolhido e registrado histórias que têm origem na tradição e que chegaram até nós pela via da oralidade.

Uma experiência realizada nesse campo, com alunos residentes em diversos municípios do interior da Bahia, todos professores do ensino fundamental, permitiu o registro de algumas constatações e outras tantas inquietações. Transcrevemos, a seguir, a introdução do texto *Contadores de histórias – resgatando a tradição*, que relata a experiência em detalhes e inclui a transcrição de contos populares resgatados. Este livro se encontra em fase de revisão para publicação com o selo do Núcleo de Leitura Multimeios da UEFS.

No ano de 2001, assumi a disciplina Literatura Infantil (LET-261), nas três turmas do 3º ano do Curso de Licenciatura para o Ensino Fundamental, do Departamento de Educação da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana. Como o curso é seriado, e a disciplina tem uma carga horária de 75 horas/aula, percebi que haveria tempo para realizarmos um trabalho que reunisse pesquisa e extensão, como projeto integrado ao Núcleo de Leitura Multimeios do Departamento de Letras e Artes. Outro fator apontava para o sucesso da empreitada: os alunos eram provenientes de diversas localidades vizinhas, o que favorecia uma abrangência que ultrapassasse os limites do município de Feira de Santana.

Ao estudarmos os contos tradicionais, situando a publicação do livro "Contos da Mamãe Gansa" (séc. XVII), de Charles Perrault, como o marco histórico da literatura infantil universal, propus aos alunos que seguissem os passos do escritor e, assim como ele, recolhessem da tradição oral as histórias narradas por contadores da sua região.

A princípio, houve certa resistência. Os alunos eram todos professores em exercício, muitos deles com jornada de 40 horas, e só dispunham do fim-de-semana para realizar esse e todos os outros trabalhos. Equipes diziam não conseguir encontrar qualquer contador em seu município. Contadores recuavam diante da tecnologia, recusando-se a gravar suas histórias. Outra dificuldade foi a escassez de material, a começar dos gravadores de entrevista - como eram raríssimos, foi preciso fazer rodízio -, culminando com a falta de acesso a computador para digitar as transcrições e copiar em disquete as entrevistas e histórias.

Embora demorasse um pouco a decolar, à proporção que as primeiras equipes iam apresentando resultados, as demais se estimulavam. Das quatorze, apenas uma não realizou o trabalho, que foi concluído em cerca de seis meses.

O projeto foi desenvolvido em quatro momentos: sondagem, localização e primeiro contato com os contadores de histórias da região; gravação de entrevista e das narrativas, segundo roteiro; audição da fita e seleção do material, se muito vasto; transcrição a mão e digitação.

## Resultados

Embora Benjamin afirme que "a arte de narrar caminha para o fim" e que "torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito" (Benjamin, 1980, p.57), foi possível constatar que essa arte de narrar, fazendo uso da memória, ainda está viva nas comunidades mais carentes e não letradas. Porque, apesar de todas as dificuldades, foram registradas 38 histórias, narradas por 17 contadores de 11 localidades<sup>2</sup>.

Trazendo para o campo da narrativa os conceitos de Paul Zumthor em seus estudos sobre a oralidade poética, podemos denominar esses contadores de intérpretes, indivíduos responsáveis por uma performance em que fazem uso da voz e do gesto. Segundo o autor, esses intérpretes são, freqüentemente, confundidos com os autores, porque para o ouvinte de uma cultura baseada na oralidade, não importa a autoria. Cada um possui seu próprio repertório retirado do acervo da memória da comunidade, mas alguns desses intérpretes acrescentam contribuições às narrativas orais tradicionais, formando-se, assim, ou-

tras variantes. Um exemplo é o conto “João e Maria” que, adaptado ao contexto local, não tem uma bruxa malvada vivendo numa graciosa casinha de guloseimas situada numa bela floresta, mas apresenta uma velha da roça, má, miserável e esfomeada.

Apesar das interferências que transformam o ouvinte de hoje em um co-autor do texto quando for contá-lo futuramente, Zumthor assegura que:

A memória, realmente, para as culturas de pura oralidade, constitui-se – no tempo e parcialmente no espaço – o único fator de coerência. À medida que se expande o uso do escrito, sua importância social decresce, assim como seu poder sobre os indivíduos – lentamente e não sem arrependimento. Nada a elimina jamais. (Zumthor, 1997, p.237)

Essa é, provavelmente, a justificativa para a repetição de motivos encontrados nas narrativas dos contadores baianos: os mitos brasileiros – mula-sem-cabeça, caipora, lobisomem –, a Moura Torta, o couro do piolho gigante, o amor impossível, os milagres de aparição, histórias de gente destemida, e as deliciosas histórias de assombração – cavaleiros sem cabeça, caixões que surgem do nada, noivas que retornam do além, almas penadas que despencam, as façanhas do diabo.

Os intérpretes – cinco deles com mais de 60 anos, três com mais de 70, outros três com mais de 80 e uma com 96 anos – são lavradores, motoristas, costureiras, operários, donas-de-casa, em atividade ou aposentados, e muitos não estão familiarizados com a cultura letrada. O repertório deles tem origem na tradição oral:

Então, quando se reunia esse povo todo dentro de casa de vovô e de vovó, ele sentava no meio da gente e aí contava história, uns pegava no sono, outro dizia; conta mais, vovô. Sabe como é? A gente... E vovô continuava contando aquela história bonita, aquela cantada, aquela história cantada bonita, sabe como é? A gente... história do jacaré, história de maninho, história de... muitas coisas, sabe como é? Rabinho queimado, não sei quê. E era muita história que ele contava. (Seu Bô)<sup>3</sup>

Quando eu era criança ficava sentada na casa de comadre Chica, e a tia dela, Mingote, ficava contando as histórias que o avô dela contava quando era mocinha. Chico Cinza, o pai do falecido Marciano, era o bisavô dela que contava essa história, e

eu sentada. Aí, eu sou a mente, então ficou tudo na minha cabeça, essas histórias.” (Alcídia Lopes Guimarães)<sup>4</sup>

## De Rousseau a Kubrick

Seja em uma vila no interior do nordeste brasileiro, ou em uma metrópole norte-americana do futuro, o homem não prescinde do direito e do prazer de contar histórias pela via da oralidade. Palavras acompanhadas de gestos, calores e cheiros, além de todos os outros sons que somos capazes de emitir, são semanticamente muito mais ricas que as escritas, porque podem falar dos sentimentos de quem narra – o prazer de contar a história, o medo que sentiu ao escutá-la pela primeira vez, o interesse de quem ouve... Naquele momento único da contação, narrador e ouvinte são um só, embora cada qual esteja revendo a seu modo aquela história e, através dela, se reencontrando. Visto que, retomando Zumthor, “a memória pode perder em importância à proporção que a escrita vai ganhando mais presença em uma sociedade, mas nada a elimina jamais”.

Esse caminho que fizemos, do homem natural de Rousseau ao homem artificial de Kubrick e Spielberg, passando pelos contadores do interior da Bahia, é, naturalmente, um breve atalho, a maior parte da sua paisagem ficou por ser vista. Mas sempre poderá ser tomado como ponto de partida para outras reflexões acerca da oralidade e da necessidade que tem o homem de contar histórias.

## Notas

<sup>5</sup> - Esta música, ao lado de “Cada macaco no seu galho”, é das mais conhecidas do compositor. Em seus shows, antes de cantá-la, Riachão conta que os americanos, ao tomarem conhecimento do samba, patrocinaram a gravação da música em disco. A letra é assim: “Olha eu fui para a cidade despreocupado/ Quando cheguei na Sé, vi um povoado/ Oi, minha gente, fiz um perguntado/ Responderam que a baleia é que tinha chegado./ Eu vi o caminhão da baleia/ Eu vi o cabeção da baleia/ Eu vi o barrigão da baleia/ Só não vi uma coisa – diz! – da baleia”.

<sup>6</sup> - Santo Amaro, Terra Nova, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Feira de Santana, Tanquinho, Água Fria, Ouriçangas, Santo Estevão, Santanópolis e São Gonçalo dos Campos, todas na Bahia.

<sup>7</sup> Seu Bô é Antônio dos Santos (encanador e pedreiro) – São Gonçalo dos Campos, Bahia, 16 de maio de 1933.

<sup>4</sup> Nascida em Água Fria, Bahia, no ano de 1917.

## Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons. A nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 110p. 1994.

BENJAMIN, Walter. "O narrador". In: *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 345p. (p.57-74). 1980. (Col. Os Pensadores).

BONVINI, Emilio. "Tradição oral afro-brasileira. As razões de uma vitalidade". In: *Projeto História 22*. São Paulo: Educ, 452p. (p.37-48). 2001.

PAULAFREITAS, Ayêska. *Contadores de histórias. Registrando a tradição*. Feira de Santana: Núcleo de Leitura Multimeios/Editora da UEFS (a publicar)

RIACHÃO. *Humanenochum*. Salvador: Velas, 2000. (encarte de CD)

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec/Educ, 323p. 1997.

## Abstract:

The "natural man" by Rousseau is the kick off, it is presented a panorama of story-telling art via the oral means that comes from the traditional narrator from Walter Benjamin and the interpreter from Paul Zumthor, and therefore to get to the artificial man created by Stanley Kubrick and made by Spielberg in the movie "Artificial Intelligence". It details the power of the word and ways of story-tellings found in everyday's life: talking, jokes, gossip, family stories, rap, with prominence to the baiano song writer Riachão, much better known as a musical cronist of Salvador City. In another moment, an oral tradition rescue experience research result will be presented the research was done by UEFS students with oral story-tellers from locations from the Bahia inland.

**Keywords:** Orality, storytelling, cultural memory

